

Aquarius: uma investigação de aspectos foucaultianos na obra cinematográfica

Aquarius: an investigation of foucaultian aspects in the cinematographic work

**Caroline Brito dos Reis¹,
Hermano Machado Ferreira Lima²**

1. Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (UFC). Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará. **carol8as@gmail.com**

2. Doutor em Educação (UFRN). Professor do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará. **hermanoferreira@yahoo.com**

Introdução

O filme brasileiro *Aquarius*, do diretor Kleber Mendonça Filho, é uma produção que discute a especulação imobiliária ao focar seu olhar na personagem Clara (vivida pela atriz Sonia Braga), 65 anos, jornalista e crítica de música, viúva e mãe de três filhos, que luta para manter seu apartamento localizado na Av. Boa Viagem, no litoral de Recife, apesar das fortes pressões de uma construtora que deseja comprá-lo a fim de demolir a edificação e construir no lugar um condomínio de luxo, voltado para moradores que detenham alto poder aquisitivo. O fato é comum em capitais brasileiras litorâneas, em que os prédios antigos cedem lugar a edificações luxuosas, visto que essas áreas são valorizadas socialmente e economicamente, possuindo alto valor de mercado.

Última moradora do prédio *Aquarius*, edifício antigo localizado na praia de Boa Viagem, Clara abre um leque de discussões em torno de si, tais como a importância da família, dos afetos e da solidão na construção dos indivíduos;

o lugar da memória e da história nos espaços públicos e privados; a questão da velhice e de como a personagem vive as situações sob uma ótica feminina que não se prende a convenções sociais, além de ser notável o espaço que o diretor do longa-metragem concede à trilha sonora no decorrer da narrativa.

Há músicas de intérpretes como Gilberto Gil (*Toda Menina Baiana*), Roberto Carlos (*O Quintal Do Vizinho*) e Alcione (*Sufoco*), as quais colaboram para transportar para o espectador o universo em que a personagem principal está inserida, bem como características suas como o apreço pela arte e pelas memórias da família com quem viveu diversos momentos no apartamento em que mora na praia de Boa Viagem, aspecto visível logo nas cenas iniciais do filme em que é possível ver a então jovem Clara realizando uma festa com a família e amigos no edifício.

As letras das músicas também dialogam com temas discutidos no longa-metragem. A música de Gilberto Gil, por exemplo, fala das mulheres e seus encantos e essa questão do feminino é discutida no filme. Já as melodias conseguem transmitir para o espectador os estados de espírito das personagens nas cenas. Assim, é possível assistir a uma Clara alegre e vibrante na festa com as amigas ao som de músicas de forró e a uma Clara em êxtase ouvindo seus discos na intimidade do lar.

A produção franco-brasileira colocou em pauta em 2016 questões como essas no cenário nacional, destacando-se no universo cinematográfico ao concorrer a prêmios internacionais como o prestigiado Festival de Cannes e o Prêmio César. Algumas dessas questões anteriormente apontadas estão situadas na obra do autor francês Michel Foucault (1926-1984) o qual se tornou célebre por estudar aspectos relativos à sexualidade dos indivíduos e ao poder na sociedade. Esse trabalho revisita algumas das ideias apresentadas por Foucault em sua obra para discutir aspectos das personagens a partir das questões que podem ser percebidas sobre poder e sexualidade na narrativa fílmica de *Aquarius*.

Foucault: biopolítica em Aquarius

O trabalho parte de uma análise fílmica para decompor as partes principais do filme *Aquarius* a fim de compreender as temáticas discutidas na obra

cinematográfica e como elas são construídas no decorrer das cenas nas experiências que as personagens apresentam. Após essa etapa, foram relacionadas as cenas à obra do pensador francês Foucault que estudou largamente em suas obras a questão da sexualidade e da biopolítica.

A biopolítica é o termo utilizado por Michael Foucault para designar a forma na qual o poder tende a utilizar práticas disciplinares que visam disciplinar a população de um determinado local, controlando-a. Logo, esse biopoder foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pode ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos (FOUCAULT, 1985). Afinal, a vida faz parte do campo do poder.

Dessa forma, foram criados e aperfeiçoados aparelhos de Estado e instituições de poder, tais como o Exército, a escola e a polícia para regular a população por meio de mecanismos como gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, da natalidade e dos costumes. Essa disposição garantiu a existência de relações de dominação e efeitos de hegemonia na sociedade.

Vale destacar que Foucault defende que em uma sociedade como a nossa existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Para transmitir os discursos necessários para a sociedade a fim de ser detentor de legitimidade, o poder se capilariza sob formas e instituições mais regionais e locais. Poder este que funciona como uma rede de dispositivos ou mecanismos (tecnologia do corpo, olhar, disciplina) que nada ou ninguém escapa, sendo algo que se exerce, que se efetua, que funciona em prol da obtenção de uma supremacia na sociedade e que acontece em diversas esferas, como a familiar, a política e a econômica, por exemplo.

No filme *Aquarius*, um dos fenômenos que lembram o conceito de biopoder é a existência de coerções que visam fazer com que a personagem Clara (vivida pela atriz brasileira Sônia Braga) deixe o apartamento em que viveu durante décadas com a família, vendendo-o para uma grande construtora. Pode-se observar que, ao esbarrar na vontade de Clara de permanecer no prédio em que viveu por tantos anos, a construtora utiliza instituições de poder

e dispositivos sociais, como a própria família da personagem e o poder econômico representado pelas sucessivas propostas de compra do apartamento, para intimidar a moradora.

Uma delas é o aparelhamento jurídico do estado que impõe limitações quanto aos usos que Clara pode fazer do apartamento e dos espaços comuns do prédio (quando ela pinta a fachada do prédio sofre repreensões da construtora quanto aos usos que deve fazer do espaço sob pena de sofrer um processo). Assim, o sistema do direito e o campo judiciário atuam como canais permanentes de relações de dominação e técnicas de sujeição polimorfas. O direito deve ser visto como um procedimento de sujeição, que ele desencadeia (FOUCAULT, 1997).

Outra instituição que demonstra a hierarquização social e as relações de dominação, segundo Foucault, é a família. No filme, pode-se notar que esta exerce coerções sobre a personagem Clara a fim de convencê-la de que o melhor é a venda do apartamento para a manutenção da sua qualidade de vida, bem como para garantir que a personagem tenha uma vida mais tranquila em um prédio que ofereça mais comodidades. Opinião rechaçada pela personagem, que vê no antigo prédio em que habita as relações de pertença que estabeleceu ao longo da vida com as pessoas que vivem e trabalham na praia de Boa Viagem, em Recife, o que a faz afirmar que só sairia do prédio em que passou a vida estando morta.

Outra esfera de poder que visa alterar a visão da personagem é o poder econômico, que surge sob a forma da construtora, que envia para Clara rotineiramente novas propostas financeiras para que esta deixe o antigo prédio em que reside. Afinal, a área em que o imóvel está situado se localiza em uma área de grande valorização econômica e social, em frente à famosa Praia de Boa Viagem, em Recife, no estado de Pernambuco, o que pode render uma boa porcentagem de lucros à empresa após a demolição do prédio antigo e à edificação de um novo, que detenha todas as comodidades exigidas pela sociedade detentora de poder econômico que reside neste tipo de imóvel à beira mar nas cidades litorâneas brasileiras atualmente.

Dessa forma, o filme contribui para discutir a questão da especulação imobiliária e de como o crescimento nem sempre respeita os espaços de memória e história da sociedade, passando por cima do que é antigo em nome do lucro

e do crescimento econômico de empresas cujo lema é de que o progresso é importante para o país. Essas empresas, as quais compõem a esfera do poder econômico, garantem o seu desenvolvimento econômico no interior do sistema capitalista por meio das relações de dominação e dos efeitos de hegemonia. Assim, há uma tentativa do sistema capitalista de ajustar o modo de vida e os fenômenos da população aos processos econômicos, visto que dessa forma é possível ampliar os lucros no interior desse sistema (FOUCAULT, 1985).

A questão da sexualidade

Outro aspecto presente na obra de Michel Foucault são os estudos relativos à sexualidade e ao corpo, questões essas que também são exploradas no filme “Aquarius”, visto que a personagem Clara, mulher sexagenária e viúva, busca viver a sua sexualidade plenamente seja com o homem que conhece na festa com as amigas ou com o garoto de programa sugerido pela amiga que ela contrata para satisfazer seus desejos.

As experiências são vividas por ela apesar dos tabus com relação ao sexo na terceira idade (ainda mais para as mulheres que não são casadas), constituindo-se em comportamentos que transgridem determinados princípios de conduta e se contrapõem a uma sociedade que dita um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos. Vale ressaltar que formações discursivas como a psicanálise, a sexologia, a psiquiatria, psicologia entre outras, estariam necessariamente articuladas com modos de organização, distribuição e técnicas direcionadas aos corpos, ligadas a formas de ver e dizer acerca de si (VAHLE, SANTOS; 2014).

Logo, pode-se dizer que a sociedade criou um sistema em que devem preponderar uma moralidade nos comportamentos, seja através de um conjunto sistemático de regras ou de forma difusa. Foucault define moral como o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhes são propostos, isto é, é a maneira pelo qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta, pela qual respeitam ou negligenciam um conjunto de valores, obedecem ou negligenciam uma interdição (FOUCAULT, 2006). Aqui vale ressaltar que

(...) as reproduções diretas e as continuidades muito estreitas que se pode constatar entre as primeiras doutrinas cristãs e a filosofia moral da Antiguidade: o primeiro grande texto cristão dedicado à prática sexual na vida de casado (...) apoia-se num certo número de referências às Escrituras mas também num conjunto de princípios e de preceitos diretamente tomados à filosofia pagã. Já encontramos ali uma certa associação entre a atividade sexual e o mal, a regra de uma monogamia procriadora, a condenação das relações de mesmo sexo, a exaltação da continência (FOUCAULT, p. 18, 2006).

A personagem Clara também vive sob a tensão de ter tido um câncer que a fez realizar uma cirurgia de mastectomia que resultou na perda de uma de suas mamas, processo cirúrgico que afetou a sua vida sexual, as relações de intimidade e de flerte com os homens e a visão que ela tem de si enquanto mulher.

Além disso, outros personagens surgem trazendo questões relacionadas à sexualidade. Um deles é o jovem sobrinho de Clara que vai visitá-la em Recife acompanhado da namorada. Nele, pode-se observar a descoberta das experiências relacionadas ao sexo e à paixão na juventude, o que gera uma reflexão quanto às semelhanças e diferenças dessas experiências em períodos distintos da vida.

Na outra ponta, há a tia de Clara que, logo na cena inicial do filme, encontra-se em uma festa no apartamento da personagem principal e se lembra de uma experiência sexual que teve, quando jovem, com um homem nesse mesmo apartamento, em cima de um móvel de família, móvel esse que surge em diversas cenas do filme. A presença do móvel no decorrer do filme leva à reflexão de que a memória é algo vivo, pois faz com que as pessoas reflitam sobre o que foi vivido ao longo de suas histórias. Daí surge o apego das personagens a determinados lugares e objetos, visto que eles mantêm as lembranças vivas e partes do tempo já vivido como parte do presente e não só do passado.

Na obra de Foucault, vê-se que o poder atinge a realidade concreta dos indivíduos por meio do controle dos corpos a fim de discipliná-los para aumentar a eficiência no trabalho. Assim, há um controle detalhado e minucioso de gestos, atitudes, comportamentos, hábitos e discursos, o que pode gerar

repreensões e censuras quanto aos usos que um indivíduo pode fazer do corpo e do modo de como vivencia a sua sexualidade. Por essa razão, o poder tenta dispor dos nossos corpos, adentrando na esfera privada da vida das pessoas, definindo as formas como devemos nos relacionar e a quantidade de filhos que devemos ter.

Segundo Foucault (1976/2006), a sexualidade, antes de ser condenada ao mutismo ou ao silêncio por uma suposta repressão, foi produzida práticas sociais que, por sua vez, se sustentaram em uma formação discursiva da modernidade denominada *scientia sexualis*. Nesse sentido, a existência de uma Ciência Sexual foi o contraponto necessário de práticas educativas, médicas, psicológicas, entre outras (VAHLE, SANTOS; 2014, p. 3-4).

Logo, a sexualidade é tema privilegiado por ser a porta de acesso à vida do corpo e à vida da espécie, constituindo-se como objeto e instrumento do biopoder. Permite tanto a realização de vigilâncias constantes, organizações espaciais, exames médicos e psicológicos meticulosos, como também o levantamento de medidas maciças e estatísticas. A sexualidade é, portanto, um dos elementos de maior instrumentalidade, podendo servir às mais variadas estratégias de poder (VAHLE, SANTOS; 2014).

O corpo, suas sensações, prazeres, anatomia, disposições, tudo é devidamente analisado pelas instâncias discursivas e de poder (a igreja, as instituições disciplinares, a ciência e a medicina). A sociedade, para o autor, cobra um domínio dos desejos, a resistência contra as tentações a fim de manter uma conduta em consonância com o conjunto de valores vigentes.

Assim, Foucault caracterizou a sexualidade como uma experiência discursiva, como algo que, para se tornar real e ser reconhecido, teria que passar pelo crivo da palavra. “Coloca-se um imperativo: não somente confessar os atos contrários à lei, mas procurar fazer de seu desejo, de todo o seu desejo, um discurso” (FOUCAULT, 2006, p. 27). Logo, o que era dito por determinado indivíduo assumia caráter de verdade sobre si, resultando na sua identificação como sujeito de suas ações, de seus pensamentos, de seus desejos, de suas verdades.

Com base nessa ideia, podemos notar os discursos defendidos por Clara ao longo do filme, observando sua coragem frente à especulação imobiliária ao contestar a venda do apartamento, sua ânsia de se sentir livre ao morar sozinha, sem a presença de filhos e netos, seus desejos de vivenciar a sexualidade e de viver boas experiências ao lado das amigas, além de perceber o quanto a personagem aprecia estar em contato com o universo artístico através da música (seja ela ouvida em seus discos ou tocada em seu piano).

As experiências íntimas descritas no filme, contudo, não estão restritas ao campo da sexualidade. Vê-se na vida da personagem Clara que as relações de amizade e com a família reforçam seus laços de apego com o apartamento em que passou a vida, visto que nele foram vividos muitos momentos marcantes, inclusive ao lado do neto, com quem vive cenas carinhosas, como as que o ensina a manusear as teclas do piano ao som de música clássica ou a que caminha com ele no calçadão da praia de Boa Viagem.

Ao lado das amigas, pode-se notar que há relações de companheirismo e confiança, e que elas ajudam Clara na tarefa de conseguir provas que dificultem o projeto da construtora de tirá-la do prédio e construir o novo edifício. São, pois, os amigos e familiares que reforçam os laços de pertença da personagem ao apartamento em que mora, além dos conhecidos que moram e/ou trabalham no bairro, caso do salva-vidas Roberval (IRANDHIR SANTOS) que cuida da praia de Boa Viagem, com quem mantém uma relação de amizade por frequentar tantas vezes a praia como banhista.

O próprio hábito de caminhar pela praia demonstra o apego que a jornalista Clara possui pelo bairro em que vive e no qual se reconhece por fazer parte da história da comunidade daquela parte da cidade de Recife, vivenciando seu cotidiano nos espaços de seu apartamento, no calçadão e nas areias da praia de Boa Viagem.

Além disso, o prazer na vida da personagem não decorre somente de experiências ligadas ao sexo. Pode-se observar que ele surge nas cenas em que ela está na presença das amigas em festas, quando dança ouvindo seus discos em casa ou toma banho de mar na praia de Boa Viagem, pois essas são cenas que representam momentos de descontração nas vivências da personagem.

Considerações finais

O filme *Aquarius* é centrado na discussão da especulação imobiliária no país e levanta questionamentos acerca dos limites éticos do poder econômico para atingir seus objetivos de alcançar lucros, visto que a construtora do filme lança mão de diversas formas de coerção contra a personagem principal Clara para tentar comprar seu apartamento no edifício Aquarius. Contudo, longe de focar somente nessa temática, o longa-metragem coloca em pauta dois temas importantes na obra do pensador francês Michel Foucault: a biopolítica e a sexualidade.

A sexualidade é tema privilegiado na obra do pensador por ser a porta de acesso à vida do corpo e à vida da espécie, constituindo-se como objeto e instrumento do biopoder. Permite tanto a realização de vigilâncias constantes, organizações espaciais, exames médicos e psicológicos meticulosos, como também o levantamento de medidas maciças e estatísticas. A sexualidade é, portanto, um dos elementos de maior instrumentalidade, podendo servir às mais variadas estratégias de poder (VAHLE, SANTOS; 2014).

Essa questão permeia a vida de Clara que, aos 65 anos, busca vivenciar experiências sexuais plenamente, seja com o homem que conhece em uma festa com as amigas ou com um garoto de programa, mesmo sendo viúva e tendo sido vítima de uma doença que a fez perder uma das mamas. O corpo, suas sensações, prazeres, anatomia, disposições, tudo é devidamente analisado pelas instâncias discursivas e de poder (a igreja, as instituições disciplinares, a ciência e a medicina). Dessa forma, o comportamento de Clara ao longo do filme pode ser visto como transgressor, visto que ela não reprime os desejos em nome de quaisquer convenções sociais, buscando viver com intensidade as experiências da vida.

A biopolítica, por sua vez, é o termo utilizado por Michael Foucault para designar a forma na qual o poder tende a utilizar práticas disciplinares que visam disciplinar a população de um determinado local, controlando-a. No filme *Aquarius*, um dos fenômenos que lembram o conceito de biopoder é a existência de coerções que visam fazer com que a personagem Clara (vivida pela atriz brasileira Sônia Braga) deixe o apartamento em que viveu durante

décadas com a família, vendendo-o para uma grande construtora. São exemplos dessas coerções as limitações impostas pela justiça quanto aos usos dos espaços do prédio e o pedido da filha de Clara para que a jornalista deixe o apartamento, vendendo-o para morar em um lugar mais confortável.

Dessa forma, a obra cinematográfica contribui para discutir questões éticas importantes que não se esgotam em um só trabalho, tais como a resistência da memória face à modernização das estruturas na contemporaneidade no Brasil.

Referências

AQUARIUS. Direção: Kleber Mendonça Filho. Elenco: Sônia Braga, Irandhir Santos, Humberto Carrão. Brasil: 2016, 145 min.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: A vontade de saber*. Biblioteca de Filosofia e História das Ciências, 1985.

FOUCAULT, Michel. (2006) *História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres*. São Paulo, Edições Graal (Original Publicado em 1976).

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

VAHLE, Marina; SANTOS, Magno Elder. Entre Freud e Foucault: confissão e sexualidade. *Clínica & Cultura* v.III, n.I, jan-jun 2014, p.3-16.

Recebido: 28/12/2017

Aceito: 30/03/2018